

São Paulo é uma Cidade Global? A Cartografia dos Espaços Urbanos na Visão de Sujeitos em Mobilidade Internacional

Is São Paulo a Global City? The Cartography of Urban Spaces in the Vision of Individuals in International Mobility

Viviane Riegelⁱ

Escola Superior de Propaganda e Marketing
São Paulo, Brasil

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar as experiências de sujeitos em mobilidade internacional nos espaços urbanos de São Paulo. Para isso desenvolvemos uma discussão sobre os estudos de cidades globais e sua intersecção com as experiências de mobilidade humana; uma descrição do contexto de cidade global de São Paulo, com seus projetos urbanos e seu histórico de mobilidade internacional; e uma cartografia das experiências dos sujeitos em mobilidade internacional nos espaços urbanos de São Paulo, com base nas narrativas de 20 entrevistas, com indivíduos de diferentes nacionalidades, idades e classes sociais, e na observação dos espaços narrados. Encontramos nos diferentes usos dos espaços analisados alguns paradoxos relacionados aos aspectos de cidadania e pertencimento à cidade, que resultam na percepção da cidade de São Paulo como global somente em espaços específicos, principalmente aqueles mais elitizados e centrais, usados por membros das elites, nacionais e internacionais.

Palavras-chave: Cidade Global; Mobilidade Internacional; São Paulo; Cartografia; Espaços Urbanos.

Abstract: The aim of this article is to analyze the experience of individuals engaged in international mobility in the urban spaces of São Paulo. First, we discuss studies of global cities and their intersection with the experiences of human mobility. After this we provide a description of the global city context of São Paulo, with its urban projects and its history of international mobility. Then, based on the narratives of 20 interviewed migrants, with individuals of different nationalities, ages and social classes, and the observation of the narrated spaces, we present a cartography of the experiences of individuals involved in international mobility in the urban spaces of São Paulo. The different uses of the analyzed spaces were found to create paradoxes of citizenship and of feeling of belonging to the city, which result in the perception of São Paulo as global only in specific spaces, mainly those that are more elitist and central that are used by national and international members of elite groups.

Keywords: Global City; International Mobility; São Paulo; Cartography; Urban Spaces.

ⁱ Doutoranda em Comunicação e Práticas de Consumo pela ESPM-SP. vivianeriegel@gmail.com

Introdução

São Paulo é frequentemente denominada por seus habitantes, empresários, políticos e pela mídia como uma cidade global. Conforme a definição de Sassen (2001), as cidades globais são aquelas que recebem os diversos fluxos globais de forma mais concentrada. Dentre os estudos de cidade global, ela também é assim classificada (KRÄTKE, 2003), sendo que está, de acordo com o Globalization and World Cities Research Network (GaWC, 2008), na categoria alpha (com outras cidades como Milão, Chicago, Moscou e Toronto), abaixo das cidades alpha+ (Hong Kong, Pequim, Singapura, Xangai, Sidnei, Paris, Dubai e Tóquio), e das cidades alpha++ (Nova Iorque e Londres).

Mas seria São Paulo percebida como uma cidade global também para os sujeitos internacionais que a escolhem como destino de seus projetos de mobilidade? Conforme aponta Featherstone (1991), as elites globais viajam pelos espaços onde encontram acesso a produtos e serviços que estejam de acordo com seu estilo de vida móvel e global. Assim, a visão dos sujeitos pertencentes a esse grupo a partir de suas experiências nos espaços de São Paulo pode confirmar ou não a classificação global generalizada concedida à cidade.

A partir desse questionamento, esse artigo tem como objetivo analisar as experiências de sujeitos em mobilidade internacional nos espaços urbanos de São Paulo. Para esse estudo, desenvolvemos: (1) uma discussão sobre os estudos de cidades globais e sua intersecção com as experiências dos sujeitos em mobilidade; (2) uma descrição do contexto de cidade global de São Paulo, com seus projetos urbanos e seu histórico de mobilidade internacional, com foco para os grupos pertencentes a classes sociais mais altas; e (3) uma cartografia das experiências dos sujeitos em mobilidade com os espaços urbanos de São Paulo.

Para a discussão sobre cidades globais, nos pautamos nas leituras de Santos (2008), Sassen (2009; 2011) e Holston e Appadurai (1996). Já os estudos sobre sujeitos em mobilidade, especificamente considerando os de classes sociais elevadas, usados para reflexão são Urry (2007), Featherstone (1991), Van Bochove e Engbersen (2015) e Khan (2013).

O contexto de cidade global de São Paulo é descrito a partir das políticas e projetos da cidade, contrastados com as questões sociais e as experiências de diferentes sujeitos em seus espaços. Dentre elas, dissertamos especificamente sobre os sujeitos em mobilidade internacional, na perspectiva histórica e contemporânea, na intersecção com as categorias sociais de classe, etnia e raça, que revelam as desigualdades entre os diferentes grupos.

Para a análise das experiências dos sujeitos em mobilidade com os espaços urbanos de São Paulo, é desenvolvida uma cartografia. A metodologia de caráter qualitativo foi desenvolvida com base na teoria dos panoramas da cultura global proposta por Appadurai (1996). Appadurai (1995) defende a produção de uma “geografia pós-nacional” com representações cartográficas que não se detenham ao território mas também ao simbólico, que demonstrariam a realidade entre o pluralismo diaspórico e a estabilidade territorial dentre dos espaços de determinada nação, uma vez que as mobilidades humanas desestabilizam a noção de uma identidade territorial permanente. A cartografia é então constituída das experiências dos sujeitos em mobilidade com espaços urbanos de São

Paulo, com base nas narrativas de 20 entrevistas realizadas com imigrantes de diferentes nacionalidades, idades e classes sociais (apresentados no Quadro 1) entre janeiro e abril de 2017, e na observação dos espaços narrados/mencionados por esses imigrantes, entre maio e agosto de 2017.

Quadro 1 – Entrevistados da pesquisa

Nacionalidade	Idade	Sexo	Classe social
Argentina	32-40	Feminino	B
Argentina	32-40	Masculino	A
Bolívia	40-64	Feminino	B
Bolívia	15-39	Masculino	C
Colômbia	40-64	Feminino	A
Colômbia	15-39	Masculino	B
Congo	15-39	Masculino	C
Congo	15-39	Masculino	C
Espanha	32-40	Feminino	A
Espanha	32-40	Masculino	A
EUA	32-40	Feminino	A
EUA	25-31	Masculino	B
França	25-31	Feminino	B
França	41-50	Feminino	A
Haiti	15-39	Feminino	B
Haiti	15-39	Masculino	D
Inglaterra	18-24	Feminino	B
Inglaterra	18-24	Masculino	B
Síria	15-39	Feminino	E
Síria	15-39	Masculino	C

Fonte: Autora

Cidades Globais e Mobilidades Humanas

As cidades globais são espaços de encontros e desencontros, arenas paradoxais onde cotidianamente desafios se apresentam para os sujeitos que nela habitam. Na panaceia de diferentes códigos culturais, que se mesclam e são transmitidos por diferentes

esferas nas cidades centro dos fluxos globais, as desigualdades socioeconômicas tendem a se multiplicar.

Para a discussão sobre espaço e globalização, trazemos a reflexão de Santos (2008), que explica que o meio técnico-científico-informacional impacta sobre o processo de globalização no território, revelando a nova composição técnica e orgânica do espaço, constituído como o conjunto técnico inerente ao novo ciclo da civilização mundial, com conteúdo crescente de ciência, tecnologia e informação. É nele que se instalam as atividades hegemônicas, aquelas que têm relações mais longínquas e participam do comércio internacional, fazendo com que determinados lugares se tornem mundiais. “O espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo, senão como metáfora. Todos os lugares são mundiais, mas não há espaço mundial. Quem se globaliza, mesmo, são as pessoas e os lugares” (SANTOS, 2008, p. 29).

Conforme aponta Sassen (2009), no contexto das cidades globais há uma grande complexidade, com novas zonas de fronteiras. Atores de diferentes mundos se encontram nesses espaços, e as regras e práticas que eles desenvolvem são relevantes para os estudos das ciências sociais. Nos espaços das cidades globais os fluxos que se concentram dão prioridade aos interesses financeiros, das grandes corporações de serviços, e de uma classe econômica superior. Os espaços são, então, priorizados para esses sujeitos, sendo que aqueles que não pertencem a esses grupos e a esses processos de acumulação do capital são excluídos e sem locais de referência.

A forma como se opera nas diferentes cidades globais, seja por acesso aos fluxos econômicos ou aos circuitos socioculturais, é denominada por Sassen (2009) de capital de conhecimento urbano. Esse capital pode ser operado em diversas escalas, seja mais micro, como dentro de uma comunidade, de um bairro, ou de uma corporação e da cidade em si.

Na realidade dessas cidades globais, Holston e Appadurai (1996) apresentam diversos paradoxos para as experiências dos diferentes sujeitos, principalmente considerando aqueles que vivem projetos de mobilidade internacional. Destacamos entre eles a questão da diferença entre cidadania e nacionalidade, e do lugar entre o global e o local como forma de pertencimento dos sujeitos aos espaços.

Diante da experiência intercultural dos sujeitos em mobilidade internacional, que seguem os fluxos globais econômicos, e buscam os centros onde há acesso a trabalho e possibilidades de projetos de vida, apresenta-se o outro paradoxo, entre o global e o local. Para Holston e Appadurai (1996), o lugar continua sendo uma categoria relevante para a compreensão dos processos que tornam o sujeito um membro da sociedade, com negociações que acontecem nos espaços das cidades, um espaço vivo de incertezas e de formas emergentes de cidadania. Na prática dos espaços das cidades, ser membro formal da nação não garante a cidadania substantiva, sendo que comunidades “*small-scale*” são criadas e a partir delas se produzem exclusões. O pertencimento privado é uma realidade na lógica capitalista, onde sujeitos de diferentes países podem fazer parte de um grupo global de cidadãos seletos. Podemos citar como exemplo a comunidade internacional “*A Small World*”¹, um grupo virtual para o qual você se inscreve, passa por um processo de seleção e, ao ser aceito, tem acesso a encontros em diferentes cidades globais e a serviços exclusivos para os membros, incluindo assessoria jurídica em diferentes países.

Dentre as discussões sobre cidades globais e os fluxos que por ela transitam, a compreensão sobre mobilidade é um elemento central, e especificamente a mobilidade de pessoas torna-se um aspecto de relevante análise para a compreensão desses espaços e de suas dinâmicas. A mobilidade tornou-se central na sociedade contemporânea, tanto devido aos fluxos de produtos e serviços resultantes dos processos econômicos da globalização, quanto aos fluxos de pessoas (por mobilidade física) e de comunicação (por mobilidade tecnológica), também relacionados à dimensão econômica, mas igualmente a aspectos culturais. Essa realidade fez com que Urry (2007) afirmasse que estamos vivendo contemporaneamente no paradigma social da mobilidade. No entanto, há diferentes experiências dos sujeitos em mobilidade e trazemos as reflexões sobre as características de cada uma delas, das elites globais.

Nas experiências das vidas móveis, há intersecções entre os sistemas de mobilidade e transformações das práticas cotidianas, sendo que a mobilidade em si atinge um valor prioritário, e a liberdade de mover-se, um direito restrito e desigualmente distribuído, torna-se um fator de distinção, e promotor do que Urry e Elliott (2010) denominam de capital de rede. As diferentes experiências dos sujeitos em mobilidade estão pautadas pelos acessos e pelas barreiras, simbólicos e físicos, que são diferenciados a partir de hierarquias e estigmas sociais.

Há diferentes projetos de mobilidade, temporários ou permanentes, planejados ou urgentes, desejados ou não desejados (pelos sujeitos e pela sociedade), com objetivo de lazer, educação, trabalho, vínculo familiar, e/ou sobrevivência. Estudos voltados para a questão da mobilidade mostram que a decisão de concretizar este ato reside muito mais nas causas de repulsão que nas de atração. A mobilidade pode ser incentivada por uma ideologia, instigada no indivíduo através de uma fantasia irreal. Porém, este indivíduo parte motivado pela esperança, pelo desejo de mudar de vida, de ser melhor, de encontrar um trabalho, condições que lhe proporcionem uma ascensão social, um momento de lazer, dentre outras aspirações. Os processos de mobilidade de pessoas podem ser compreendidos tanto por sua duração, quanto por sua representação para a sociedade. A partir da natureza do processo de mobilidade, assim como de seus fatores de repulsão e de atração, há diferenças nas experiências de mobilidade e conseqüentemente no processo de formação e transformação das identidades culturais dos indivíduos.

A mobilidade não é uma realidade para todos, havendo distinção não apenas entre aqueles que são móveis e aqueles que permanecem sedentários, porque muitas pessoas são forçadas a se movimentar por razões econômicas ou políticas. Deve-se também distinguir aqueles que Hannerz (1996) chama de cosmopolitas voluntários dos involuntários, e entre aqueles que Bauman (1999) chama de turistas da pós-modernidade, cujo crédito é o fator que os classifica como bem-vindos onde quer que desejem fazer compras, dos vagabundos, cuja falta de poder econômico, ou dos vistos necessários, torna difícil para eles se instalarem em qualquer lugar.

Featherstone (1991) argumenta que a economia contemporânea é pautada na promoção de serviços e estilos de vida, em vez de produtos materiais. Na composição desses estilos de vida, os padrões de mobilidade são um importante elemento para as elites, que escolhem quando e para onde querem ir. Para esse grupo, a mobilidade é um costume (*mobility-as-usual*) e não são percebidas barreiras para suas práticas.

Caletério (2013) explora as percepções sobre essas práticas por turistas e aponta que seus entrevistados afirmam que suas aspirações de viagens de lazer são inspiradas menos pela reclusão em espaços de primeira classe, luxuosos, e mais pelo ideal cosmopolita de um mundo de mobilidade democrática, que é recorrentemente representado pela mídia global. Nos processos de turismo, há aspectos presentes no ato de viajar como a curiosidade sobre o desconhecido, sobre o conhecimento do diferente, sobre a surpresa e o encantamento do que se vai conhecer. Esses aspectos, mediatizados em diferentes formatos, tornaram-se representações dos próprios indivíduos e locais de turismo, conforme aponta Noel Salazar: “Peoples and places around the globe are continuously (re) invented, (re)produced, and (re)created as tourism marketers create powerful representations of them .” (SALAZAR, 2007, p. 34). Para os turistas, a mobilidade é passageira e eles gozam de um *status* globalmente positivo, pois, como afirma Augé (2009), eles estão interessados nas representações universais das principais cidades ao redor do mundo, e no consumo dessas representações.

Discutimos aqui, especificamente, as experiências de mobilidade a partir das categorias relacionadas aos sujeitos pertencentes às elites globais. Dentre as figuras dos sujeitos em mobilidade internacional de classes sociais elevadas, podemos destacar os investidores milionários, os expatriados e os estudantes internacionais. As elites globais representam as categorias sociais dominantes. Portanto, a pesquisa social precisa examinar aqueles que se beneficiam mais com o *status quo* e que geram desigualdade. Ao olhar para a realidade das mobilidades para as elites globais, inicialmente destacamos o volume de imigrantes milionários ao redor do mundo. Em 2016, eram 82.000 pessoas, de acordo com relatório da New World Wealth (2016)². Desse volume, 8.000 (praticamente 10%) migraram para o Brasil, apesar de ser considerado pelo relatório um país em queda na atração desse público.

A possibilidade irrestrita de mobilidade dos super-ricos e dos ricos para países que criam barreiras para a imigração e para visitantes em geral é presente igualmente quando analisados os fluxos de expatriados (FINACCORD, 2014), com um total de 50,5 milhões ao redor do mundo, com diversos objetivos.

Os expatriados são compreendidos como migrantes temporários altamente qualificados geralmente retratados como cosmopolitas com laços universais, ou sujeitos de negócio que vivem em uma bolha local de expatriados. Em estudo sobre os expatriados, Van Bochove e Engbersen (2015) demonstram que eles incorporam conhecimentos de outras culturas em programas internacionais e negócios internacionais. Os autores mostram que as identificações dos expatriados são caracterizadas pela fragmentação. Em vez de se verem unicamente como cosmopolitas ou expatriados, eles têm identidades múltiplas, das quais a identidade nacional muitas vezes é um componente importante. Os expatriados teriam tanto laços particulares (com pessoas que são como eles, baseadas em uma experiência ou nacionalidade compartilhada), bem como uma orientação universal e cosmopolita (ou seja, o desejo de superar as diferenças culturais).

Para o estudo dos estudantes internacionais, Khan (2013) propõe uma reflexão acerca de uma transformação na cultura da elite devido a sua mobilidade física. A facilidade da mobilidade apontada pelo autor diz respeito a uma capacidade desenvolvida para navegar em uma gama diversificada de instituições sociais, sendo que a elite teria deixa-

do de ser esnobe para ser onívora, optando por traços culturais que lhe garantem maior permeabilidade em diversos grupos sociais em detrimento de traços culturais distintivos que fixavam seu lugar na sociedade. Nos processos de mobilidade para fins acadêmicos, “a mobilidade internacional estudantil é desejada por todos, porque confere aos países acolhedores a afirmação da superioridade acadêmica e tudo que isso pode significar em termos políticos, econômicos e culturais” (LIMA e RIEGEL, 2012, p. 319).

Contexto de São Paulo

A cidade de São Paulo é a maior região metropolitana do Brasil, com mais de 20 milhões de habitantes. Assim como o país onde está inserida, sua sociedade também convive com uma das mais injustas distribuições de riqueza do mundo. Segundo Caldeira (2000), os espaços urbanos desta região metropolitana, especialmente suas periferias, constituem uma dimensão da sociedade local na qual podemos observar um envolvimento inventivo com a democratização e alguns dos seus limites mais dramáticos. Em São Paulo, a violência e o medo estão emaranhados com processos de mudança social, gerando novas formas de segregação espacial e discriminação social. Edifícios fortificados – com muros, grades e portões em todos os lados –, espaços privados e vigiados para a residência, trabalho e lazer dos que podem pagar por eles – constituem um instrumento central de segregação na cidade.

São Paulo é considerada uma cidade global, na perspectiva de uma cidade a ser moldada para enfrentar o contexto da globalização econômica contemporânea. Exemplos dessa visão de globalidade seriam os fluxos financeiros e de negócios internacionais, e, nesta perspectiva, São Paulo ganhou força como centro financeiro e comercial do Brasil e da América Latina. Este modelo central de cidade global pode ser eficaz no contexto das grandes cidades desenvolvidas do mundo, porém isso não ocorre da mesma forma nas grandes cidades periféricas, como no caso de São Paulo. O Brasil está na 73ª posição e São Paulo na 61ª do índice de competitividade por talentos globais (THE GLOBAL TALENT COMPETITIVENESS INDEX, 2018), números que demonstram também as distâncias que existem entre a realidade da cidade e do país, com de regiões mais ricas.

Na América Latina, há um padrão específico de segregação socioespacial, com uma fragmentação presente nas grandes metrópoles. Essa noção é proposta por Milton Santos (1990), ao analisar o aumento da pobreza no centro de São Paulo como um processo de “involução urbana”. Em paralelo, também há um fluxo na direção contrária, de mudança das classes médias e altas para os municípios periféricos à metrópole. Esses movimentos mostram a redistribuição espacial de São Paulo e o agravamento da situação daqueles que vivem na pobreza (ROLNIK et al., 1990).

Considerando a influência midiática e a globalidade dos lugares, o discurso dominante do pensamento neoliberal, inserido nas teorias urbanas, reproduz as ideias de “Cidade-Global”, “Planejamento Estratégico Urbano” e “Marketing de Cidades”. Essas ideias formam modelos de urbanização, que se tornam aceitáveis em cidades que querem copiar casos desenvolvidos bem sucedidos. São Paulo, olhando para as cidades centrais globais e seus planos de urbanização, busca modelos semelhantes, sem considerar as diferenças e a desigualdade da sociedade local. Se São Paulo pode ser comparada

a centros urbanos globais de excelência de um lado, por outro lado, o crescimento da desigualdade social resulta na parcialidade do cumprimento desse papel, mantendo a realidade de seus desafios periféricos.

Na política mais recente da cidade, com o prefeito João Dória, que assumiu em 2017, essa visão de projeto neoliberal mercadológico da cidade está presente na apresentação da cidade global, “São Paulo is a city of the world” – frase presente no vídeo usado na apresentação da cidade feita no World Government Summit 2017. Com o objetivo de vender as possibilidades de investimento na cidade para um público de investidores internacionais, o vídeo reproduz o discurso do projeto iniciado na década de 1990 de internacionalização de São Paulo, de uma cidade própria para negócios internacionais e para estrangeiros que querem investir – e também viver – na cidade.

Como forma de verificar os resultados desses projetos de São Paulo, podemos apontar o estudo dos mapas sobre a densidade das cidades globais de Sassen (2009, p. 25), que mostra que Londres é a cidade menos densa em relação à população da comparação demonstrada, mas que sua densidade é muito alta quando considerados os escritórios. Essa característica se repete no caso de São Paulo, o que demonstraria, segundo a visão da autora, a função da cidade global de concentrar diversos negócios e corporações especializados para produzir o capital de conhecimento urbano.

Para entender especificamente o contexto contemporâneo dos sujeitos em mobilidade internacional na cidade, é necessário também destacar os principais elementos constituintes da imigração no Brasil e em São Paulo, assim como aspectos sociais que estão relacionados a esses sujeitos. Historicamente e a despeito da propagação da ideia comum de visualizar o Brasil como um país de braços abertos a todos os estrangeiros, o fluxo migratório sempre foi restrito e selecionável. Políticas migratórias, procedendo da campanha republicana brasileira oitocentista até o período entre guerras, buscavam diretamente a seleção de grupos migratórios, principalmente europeus e brancos, que estariam de acordo com as aspirações nacionais, em uma prática classificatória identificada como um racismo metodológico (BARRETO, 2015).

O Brasil é fortemente marcado, historicamente, pela recepção de migrantes, especialmente entre 1819 e final da década de 1940. Estima-se que o país recebeu nesse período entre quatro e cinco milhões de migrantes, principalmente europeus – tais como italianos, portugueses, espanhóis e alemães – e de outras nacionalidades africanas, orientais e árabes (COGO e BADET, 2013, p. 22). Nos anos 1980 e 1990, o país começou a receber uma imigração muito diferente desse período anterior à Segunda Guerra Mundial, porque não era mais de europeus, e sim de sul-americanos, com destaque para os bolivianos, argentinos, paraguaios e peruanos e, posteriormente (29% dos imigrantes no Brasil conforme relatório da OIM de 2015), os asiáticos, mas não mais os japoneses, e sim os chineses e sul-coreanos. Em menor número, também os africanos. Esse perfil se mantém até agora. A imigração de hoje é muito menor do ponto de vista quantitativo.

Na última década, principalmente depois da crise econômica de 2008, o Brasil está recebendo novamente imigrantes europeus, principalmente portugueses e espanhóis. Trata-se de uma imigração completamente diferente da imigração de antes da Segunda Guerra Mundial, porque aquela era basicamente de agricultores e operários. A imigração recente é de profissionais liberais, funcionários de grandes empresas ou profissionais

autônomos com uma qualificação completamente diferente. Os três principais grupos migratórios que chegaram ao Brasil no período entre 2007 e 2014 (UEBEL, 2015) são originários de Portugal, EUA e Japão, com mais de 600 mil pessoas.

Nesse período, os estrangeiros formalmente autorizados a trabalhar no Brasil passaram de 25,5 mil em 2006 para 70 mil em 2011. De acordo com dados fornecidos pelo Ministério do Trabalho e Emprego do Brasil, mais de 73.000 imigrantes chegaram ao Brasil no ano de 2012, sendo que grande parte deles era constituída por profissionais com ensino superior completo e com alta especialização técnica, e Estados Unidos, Haiti, Filipinas, Reino Unido, Alemanha, Índia, China, Japão, Itália, Coreia do Sul, França e Portugal eram os 10 países de origem com maior volume de indivíduos (MINISTÉRIO DO TRABALHO E DO EMPREGO, 2012).

O imigrante ideal presente no imaginário contemporâneo do Brasil ainda guarda resquícios do passado. Não existem mais disposições legais dando preferência a uma ou outra nacionalidade ou grupo étnico e, em muitos casos, a resistência à abertura refere-se mais a questões de reserva de mercado do que identitárias. Além disso, ela também está associada à nossa constituição histórica, que provocou exclusões das populações negras e mestiças, repercutindo na relação que estabelecemos com os imigrantes contemporaneamente. Assim, alguns estereótipos permanecem. A compreensão de que quem migra para o Brasil deve contribuir para o desenvolvimento nacional e, portanto, deve ser qualificado e não deve ser pobre faz ligação direta com os estereótipos muito presentes de que negros e índios contribuíram para o subdesenvolvimento do Brasil, pois não seriam aptos ao trabalho, ao conhecimento e ao progresso como os europeus ou os norte-americanos.

Dentro desse quadro nacional, São Paulo foi no passado e é atualmente a principal cidade de atração dos imigrantes que chegam ao país. No século XIX e início do século XX, eles chegavam de navio ao porto de Santos e subiam a serra de trem, encontrando trabalho principalmente na capital paulista. Diversos bairros próximos tornaram-se marcados pela presença de grupos de imigrantes, como Bom Retiro, Brás, Mooca e Barra Funda. Mais recentemente os principais fluxos de estrangeiros e imigrantes têm sua chegada concentrada no aeroporto internacional de São Paulo, principal aeroporto do país, sendo que a cidade continua sendo um polo de atração para aqueles que buscam trabalho, e que vêm com objetivos de negócios.

A partir dos dados do Censo do IBGE de 2010, verifica-se que da população da cidade de São Paulo, que era no total de mais de 12 milhões de habitantes, 2,3% são imigrantes internacionais (280 mil indivíduos), sendo que esse percentual na população total nacional é de apenas 0,34%. A partir dos dados do Censo, podemos analisar o nível de instrução, ocupação e rendimento familiar dos imigrantes, para identificar aqueles que pertencem a classes sociais econômicas mais elevadas. Em relação ao nível de instrução, 23,61% possuem nível superior completo. Um percentual semelhante, de 23,44%, representa aqueles que possuem como ocupação atividades científicas e intelectuais. Há igualmente o grupo de diretores e gerentes, de 12,5%, que pertence principalmente à classificação de expatriados. Em relação à renda, as categorias mais altas também representam ao redor de 20% dos imigrantes, sendo 12,84% daqueles que possuem rendimento entre 5 e 10 salários mínimos, e 8,21% daqueles com mais de 10 salários mínimos.

Com base nesses números, é possível calcular que, do total de imigrantes na cidade, cerca de 50 mil representam o universo de classes sociais mais elevadas. Dentro desse grupo, a distribuição seria entre milionários, 6,4 mil que vieram para São Paulo em 2015 (NEW WORLD WEALTH, 2016), expatriados, 8 mil em 2013 (FINACCORD, 2014), e 12 mil estudantes estrangeiros para a realização de intercâmbios acadêmicos em 2014 (OECD, 2017). Esses números são de sujeitos que podem ter planos temporários ou permanentes de residência na cidade, resultando portanto em variações no volume total de indivíduos considerado no momento da realização do Censo.

Cartografia das Experiências dos Sujeitos em Mobilidade Internacional nos Espaços Urbanos de São Paulo

O desenvolvimento de uma cartografia se baseia na inspiração da geografia, que, conforme Acseledrad (2008) explica, seria a produção do “espaço social do desenvolvimento”, por mapas que possuem escalas, níveis, estruturas e redes. A expressão da geografia nas cidades globais, para Hosltton e Appadurai (1996), é vista na relação com a cidadania, na qual as cidades globais crescentemente operam como estados na economia global, cada vez mais independentes, onde diferentes grupos de indivíduos buscam seus espaços e pertencimento.

A partir dessa visão, é desenvolvida uma cartografia a partir dos percursos dos sujeitos em mobilidade internacional de classes sociais elevadas em diferentes espaços da cidade de São Paulo. O material coletado é composto por duas fontes: (1) pelas narrativas de entrevistas com 20 sujeitos que estão há pelo menos 6 meses e há menos de 5 anos vivendo na cidade; (2) pelos apontamentos de observação realizada dos espaços urbanos mencionados pelos entrevistados (do total de 46, foram selecionados os 8 mais frequentes, dentre bairros e estabelecimentos). Como foco de análise do artigo, são apresentados os dados relacionados aos 4 bairros estudados, Avenida Paulista (Jardins), Pinheiros, Vila Madalena e Centro.

Avenida Paulista (Jardins)

Entre Pinheiros e Vila Mariana, no bairro dos Jardins, está a Paulista, uma avenida de 2,8 km, com diversos prédios de escritórios, comércio, restaurantes, museus e centros culturais, hotéis, órgãos públicos e um parque. Ela é um dos principais cartões postais da cidade de São Paulo, principalmente por suas construções icônicas, como os prédios que abrigam o Museu de Arte de São Paulo (Masp) e a Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp). Ela segue o modelo desenvolvido do horizonte da cidade global, onde as casas históricas dos barões do café, que eram símbolos do crescimento de São Paulo na economia brasileira no século XIX, foram substituídas por edifícios comerciais modernos, onde estão diversas instituições financeiras e empresas multinacionais. O bairro onde fica a avenida, chamado Jardins, possui até hoje uma concentração de residências de elite.

É um espaço visitado comumente por estrangeiros, sendo que muitos se hospedam ou vivem na região, utilizado frequentemente para eventos. Desde 2015, a avenida fica fechada para trânsito de automóveis aos domingos, quando é utilizada como um espaço para lazer. Dentre as questões narradas pelos entrevistados em relação à Avenida Paulista e a região dos Jardins, destacamos os usos da região como local de trabalho, residência

e/ou lazer. Nos usos como local de trabalho, surge a questão da concentração de escritórios na região, assim como na conveniência da proximidade com residência e com lazer.

Eu trabalho na Avenida Paulista e a maioria dos meus negócios está concentrada nessa região, o que facilita o meu dia a dia. Não preciso me deslocar muito, o que é uma vantagem em São Paulo, pois também moro aqui perto. Aqui encontro o que preciso, e tenho facilidade com o contato com pessoas da minha área. (Monique, expatriada, mulher, francesa)

Eu encontro tudo o que preciso na região da Paulista, vou a reuniões de trabalho, depois saio para encontrar pessoas a lazer. Há diversas opções de restaurantes e bares por perto. (Ignacio, engenheiro, homem, espanhol)

Como local de residência, a região da Avenida Paulista é mencionada como segura e como adequada ao estilo de vida desses sujeitos.

Moro nos Jardins e acho ótimo, porque faço tudo que preciso a pé pela Paulista e pelas ruas próximas. Tenho segurança em andar na região porque tem muitas seguranças nos prédios, câmeras em vários lugares. Isso é importante em São Paulo. Mesmo à noite posso sair. (Wesley, expatriado, homem, norte americano)

Eu gosto de morar aqui nos Jardins porque encontro tudo o que preciso, bons lugares de compras, com produtos de qualidade, marcas conhecidas, internacionais, e também posso sair com minhas amigas e passear nas lojas e ir aos restaurantes e cafés da região. Sinto que o bairro é uma extensão da minha casa e que convivo com pessoas parecidas comigo, normalmente estrangeiras que falam inglês. (Lizzie, esposa de empresário, mulher, norte-americana)

Mesmo para aqueles que não trabalham ou residem na região, a Paulista é mencionada como um importante local de atividades de lazer, tanto relacionados a opções culturais, como museus, galerias, livrarias e cinemas, assim como passeios no parque e nas ruas, compras, e idas a restaurantes e bares.

Eu frequento bastante a região da Paulista durante a semana, porque gosto de aproveitar para fazer várias coisas num lugar só. Vou ao cinema, almoço com as amigas, depois vou fazer compras nas ruas do Jardins. É uma região segura e muito conveniente para mim. (Maria, expatriada, mulher, espanhola)

Normalmente eu vou para os Jardins aos fins de semana. Principalmente nos domingos, quando a Paulista fecha. Posso ver exposições, ir a galerias, livrarias, passear no parque. Gosto muito dos restaurantes da região, que são de alta qualidade, de chefs conhecidos. A Paulista é uma concentração de lugares de qualidade, onde eu não preciso me preocupar em ir para lugares muito distantes um do outro. (Marina, pesquisadora, mulher, argentina)

Nos diferentes usos dos espaços da Avenida Paulista e de seu entorno, é possível destacar os seguintes aspectos: (a) a conveniência pela concentração de opções para as diferentes atividades e pela facilidade de mobilidade pela região (seja por ser possível andar a pé entre os locais, seja pela segurança ostensiva dos estabelecimentos); (b) o pertencimento pela identificação com pares e com um estilo de vida de acordo com as ofertas de consumo material (de produtos, nos mercados e lojas de vestuário por exemplo, ou de serviços, como nos restaurantes) e cultural da região, pautado pela conexão mais próxima com estrangeiros e com a utilização de idiomas de origem. Esses aspectos puderam ser verificados na observação dos espaços dessa região, principalmente mencionando a presença de seguranças privados em todos os estabelecimentos residenciais ou comerciais da região e de câmeras de segurança, além do fato de ser comum encontrar transeuntes na Avenida Paulista falando em outros idiomas, principalmente inglês.

Pinheiros

O bairro de Pinheiros está localizado na região oeste de São Paulo, entre a Marginal Pinheiros e a Vila Madalena, sendo que, devida a sua extensão, possui sub-regiões. Há no bairro uma concentração de escritórios, comércio, restaurantes e bares, além de microbairros residenciais. As principais sub-regiões são o Alto de Pinheiros e o Baixo Pinheiros. Seja na região mais valorizada, “Alto Pinheiros”³, entre a Vila Madalena e a Avenida Faria Lima, ou na região que se desenvolveu mais recentemente, “Baixo Pinheiros”, entre a Avenida Faria Lima e a Marginal Pinheiros, a área está sendo denominada como polo gastronômico e de lazer da cidade, com diferentes opções de lazer e serviços, incluindo espaços culturais.

Nas narrativas dos entrevistados, dentre as questões relacionadas ao bairro de Pinheiros, destacamos os usos da região como local de residência e/ou lazer. Nos usos como local de residência, o bairro é mencionado como adequado ao estilo de vida desses sujeitos e conveniente para as *atividades relacionadas ao cotidiano e ao lazer*.

Eu me encontrei na região de Pinheiros, quero dizer que acho que é o lugar com o qual me identifico mais na cidade. Os lugares, cafés, restaurantes, lojas, espaços culturais, tudo tem um jeito especial. Tem um ar cultural e diferente de outras regiões da cidade. Saio nas ruas e caminho tranquilamente, vejo pessoas que têm um estilo igual o meu, tranquilo, sabe? (Fiona, estudante, mulher, francesa)

É muito fácil para mim fazer tudo em Pinheiros, eu encontro tudo o que eu preciso, faço minhas compras, quando eu quero sair e ir para um bom restaurante, um café. Encontro amigos e conhecidos na padaria. Faço tudo a pé. Temos uma micro comunidade de estrangeiros aqui, e sinto que o bairro é um lugar onde é mais fácil para a gente viver e aproveitar a vida. (Maria, expatriada, mulher, espanhola)

O bairro foi o mais mencionado por todos os entrevistados como destino de atividades de lazer, principalmente relacionado a opções de restaurantes e bares, além de locais para compras de alimentos especiais, como orgânicos ou ingredientes de qualidade.

Eu saio do trabalho e vou direto para algum bar ou café em Pinheiros. No fim de semana também somente fico por lá, adoro os restaurantes, as lojas. Também gosto de alguns espaços culturais. Tudo é agradável, tem uma cara cultural e chic. Sempre é um bom lugar para marcar com amigos. Em todo lugar que você vá, você vai ouvir pessoas falando inglês, acho que isso mostra como o bairro é o queridinho em São Paulo por nós. (Eve, expatriada, mulher, britânica)

Meus principais passatempos são cozinhar e comer. E eu adoro Pinheiros porque tem mercados com produtos de muita qualidade, frutas e verduras orgânicas, então sempre vou para lá. Os restaurantes da região também são especiais. Têm um ambiente mais descontraído, mais *relax*, mas têm muita qualidade. (Ignacio, engenheiro, homem, espanhol)

Nos diferentes usos dos espaços de Pinheiros, é possível destacar os seguintes aspectos: (a) a conveniência pela diversidade de opções de locais que agradam esses sujeitos, com facilidade de deslocamento entre os lugares e sensação de segurança; (b) o pertencimento pela identificação com pares e com um estilo de vida de acordo, principalmente marcada pelas ofertas de consumo material (de produtos, de alimentos principalmente, ou de serviços, como nos restaurantes) e pelas atividades culturais da região, com presença frequente de estrangeiros nesses locais. Esses aspectos puderam ser verificados na observação dos espaços do bairro, sendo que em cafés e restaurantes havia diversos estrangeiros falando inglês principalmente, e diversas pessoas fazendo compra a pé no comércio local, principalmente em pequenas lojas do bairro.

Vila Madalena

O bairro da Vila Madalena começa na região oeste da Marginal Pinheiros e vai até a Avenida Doutor Arnaldo, continuação da Avenida Paulista. Juntamente com Pinheiros, de acordo com a empresa EMDOC (que presta consultoria para expatriados), é a área da cidade preferida por estrangeiros expatriados, por sua concentração de bares e restaurantes.

Especificamente, a predileção pelos estrangeiros à Vila Madalena é comentada em relação a festas e eventos na cidade, como foi o caso da Copa do Mundo em 2014. Aos domingos, algumas das ruas são fechadas, e abre-se o denominado “Parque da Vila Madalena”, onde há diversos *tours* feitos no bairro para conhecer os grafites, ver apresentações musicais, participar de feiras gastronômicas.

Conforme as narrativas dos entrevistados, dentre as questões relacionadas à Vila Madalena, há destaque para os usos da região como local de lazer. O bairro foi mencionado normalmente junto ao bairro de Pinheiros, uma vez que são vizinhos, e as fronteiras entre eles não necessariamente são percebidas. As atividades de lazer mencionadas estão principalmente relacionadas a restaurantes e bares, e a diversidade e o clima descontraído aparecem como fatores de atração.

Eu sempre saio para ir a restaurantes ou barzinhos na Vila Madalena e em Pinheiros. Os amigos do escritório se encontram lá, ou também os amigos do

futebol, depois do jogo. Há muitas opções, então é fácil de escolher. Só não é fácil de estacionar. (Wesley, expatriado, homem, norte-americano)

Meu marido e eu vamos a vários restaurantes na região de Pinheiros, Vila Madalena. A Vila é lugar de festa, então, quando a gente quer algo mais divertido, vai para lá. O espírito do bairro é animado. Só não é fácil caminhar por lá... (rsrs). Não é longe de casa, então para voltar à noite também não é tão complicado, porque em São Paulo não dá para ir muito longe, não é seguro, sabe? (Lizzie, esposa de empresário, mulher, norte-americana)

Os espaços da Vila Madalena são principalmente associados aos usos de lazer, e neles o aspecto destacado é o da conveniência pela diversidade de opções de locais de lazer, principalmente bares e restaurantes. Ao observar os espaços do bairro, é possível verificar principalmente no período noturno grande concentração de público nos bares e restaurantes, que principalmente transitam de carro.

Centro

O Centro, na região da Sé, possui diversos espaços que remetem à história da cidade, tanto de prédios oficiais – como a prefeitura e o tribunal de justiça –, comércio em geral, diversas atrações turísticas e culturais da cidade. A região foi remodelada na década de 1990 e muitas de suas áreas deram lugar a espaços culturais. A Associação Viva o Centro, criada em 1991, foi das principais entidades que apoiou a reforma por célebres arquitetos de prédios como o da Estação Julio Prestes, da Pinacoteca e do antigo DOPS, para dar lugar a centros culturais como a Sala São Paulo, novas salas da Pinacoteca e a Secretaria Estadual da Cultura.

É nessa região historicamente onde os imigrantes chegavam e onde diferentes grupos de estrangeiros se concentraram, formando microcomunidades, como foi o caso dos italianos, japoneses, coreanos e bolivianos.

A partir das narrativas dos entrevistados, verificamos que, para esses sujeitos, o Centro é normalmente relacionado a algumas atividades de lazer, mas com seletividade e precaução. A região foi identificada como importante para atividades culturais, como museus e apresentações de concertos. A ida ao Centro normalmente requer planejamento e cuidado, pois na região os entrevistados narraram que sentem mais dificuldades, como uma maior exposição a roubo e atos de violência. Também citaram o aspecto estético do Centro, pois percebem a beleza da arquitetura histórica, mas também destacam a sujeira, a falta de manutenção das ruas e prédios, e a quantidade de pessoas morando nas ruas.

O Centro é uma região muito bonita. Vale a pena conhecer. Tem que ter um pouco de paciência, porque também tem sujeira e lugares que não são tão bonitos. Gosto de ir na sala da orquestra, no Teatro Municipal. Também gosto de levar os amigos que visitam para conhecer, para comer no Mercado Municipal. Mas tem que ter cuidado. Porque é uma região perigosa. Tem muitos mendigos. Não tem muitos lugares seguros para estacionar. Todo mundo fala para ter cuidado lá, não levar nada que seja mais caro, porque pode ser roubado.” (Richard, médico, homem, britânico)

Eu gosto da arquitetura do Centro de São Paulo. Gosto de ir à Biblioteca Mário de Andrade, ao Centro Cultural Banco do Brasil, à Pinacoteca. Mas sempre durante o dia. Vou de metrô e vou direto para os lugares. Tenho um pouco de medo. Porque muita gente me disse que lá é perigoso, aliás isso os brasileiros falam bastante. Acho que falta valorização da história da cidade, com mais cuidado para os prédios, para a limpeza da região. Falta também mais atenção para as pessoas que vivem nas ruas do Centro. (Fiona, estudante, mulher, francesa)

A associação dos espaços do Centro com opções de lazer, principalmente de cultura, é feita com interesse pela diversidade de opções, mas com certa limitação na mobilidade nos espaços da região, principalmente relacionada ao receio de atos de violência. Na observação dos espaços do bairro mencionados pelos entrevistados, é possível encontrar estrangeiros que estão visitando, mas não é tão comum reconhecê-los, como é o caso na região da Avenida Paulista ou em Pinheiros. Não há trânsito de veículos de maneira tão intensa, como é o caso principalmente na Vila Madalena e na Avenida Paulista, pois a região não tem muitos espaços para estacionamento. Há diversos moradores de rua em algumas áreas do Centro, sendo uma delas bem próxima da Sala São Paulo, espaço mencionado por alguns dos entrevistados como opção de atividade cultural que frequentam.

Elementos Destacados nos Diferentes Espaços Urbanos

A partir dos principais usos dos bairros mais mencionados pelos sujeitos em mobilidade internacional, é possível fazer uma comparação para a análise das diferenças e semelhanças encontradas. Para tal, foi desenvolvido o Quadro 1:

Quadro 1 – Comparativo dos espaços urbanos de São Paulo analisados.

Usos			
Espaços	Trabalho	Residência	Lazer
Avenida Paulista (Jardins)	trânsito (proximidade)	segurança, trânsito (andar a pé), idioma (contato com estrangeiros)	segurança, trânsito (proximidade)
Pinheiros	X	segurança, trânsito (andar a pé), idioma (contato com estrangeiros)	idioma (contato com estrangeiros)
Vila Madalena	X	X	trânsito (carro, proximidade)
Centro	X	X	segurança (perigoso), trânsito (carro, metrô)

Fonte: Desenvolvido pelo autor

É possível verificar que há uma região de destaque para trabalho, que é a Avenida Paulista (Jardins), que também é utilizada para residência, juntamente com a região de Pinheiros. Há outras regiões de trabalho e de residência mencionadas, mas não foram tão recorrentes como as analisadas. Já no caso de atividades de lazer, esses quatro bairros foram os mais recorrentes e também principalmente os que concentram todas as atividades de lazer dos sujeitos em mobilidade internacional em São Paulo.

Nos diferentes usos, existem elementos comuns que surgem nas narrativas, são eles as questões de segurança, trânsito e idioma/contato com outros. A segurança aparece relacionada tanto aos usos de residência, como fator importante para o cotidiano, quanto de lazer, como elemento de preferência (Avenida Paulista) ou de seletividade (Centro). Os entrevistados narraram que geralmente são avisados sobre roubos nas ruas de São Paulo – principalmente em regiões onde há muitos moradores de rua, como o Centro –, e que objetos de valor, como celulares e *notebooks*, – principalmente em torno de atrações turísticas e locais de muito movimento, como a Avenida Paulista – geralmente correm o risco de serem roubados a qualquer hora do dia. Isso cria, segundo eles, uma tensão, de sempre ter que estar alerta, desconfiar da pessoa ao seu lado, especialmente nas multidões. Esse contexto explica a escolha por locais de residência onde há segurança por meio de pessoal e aparato tecnológico, sendo que o acesso aos bairros e imóveis que possuem essa estrutura é relacionado aos seus valores altos de aluguel e/ou de compra. Em relação aos locais de lazer, há uma diferença importante entre duas regiões que possuem grande concentração de pessoas, a Avenida Paulista e Centro. No caso da primeira, a segurança é ostensiva e portanto há uma percepção de segurança, e que essa região é própria para fazer parte de suas atividades cotidianas, de todas as naturezas. No caso da segunda, a segurança é vista como escassa e a região é considerada perigosa, sendo propícia para algumas atividades culturais, com seleção e planejamento prévio.

O trânsito é um fator comum que está relacionado em todos os usos: como o de trabalho, o de residência, e o de lazer. Ele é destacado pela questão da distância física e pela proximidade, que facilita a mobilidade entre um local e outro (para trabalho e lazer), assim como pela possibilidade de em alguns locais se andar a pé (fator relevante nas áreas residenciais), de carro ou de transporte público (especificamente no caso do Centro). Os entrevistados narraram as dificuldades em lidar com o trânsito de São Paulo, pela grande quantidade de carros, e pela falta de estrutura para a passagem de ônibus, bicicletas e pedestres. Também destacaram as distâncias da cidade, que são muito grandes, sendo relevante o fator de proximidade, e a concentração de atividades em alguns bairros, como acontece nos Jardins e em Pinheiros, principalmente. Andar a pé é uma possibilidade necessária para as regiões de residência, o que exige segurança, conforme mencionado anteriormente, assim como também é um fator de conveniência, o que também remete à disposição em pagar valores mais altos por serviços e produtos nas regiões onde moram e trabalham. Usar o carro para atividades de lazer, principalmente noturnas, é uma possibilidade, mas a proximidade também é destacada tanto pela questão de segurança, quanto pela questão de conveniência, como é o caso das atividades na Vila Madalena. Já no caso do transporte público, ele não foi mencionado com frequência, sendo que quando utilizado para ir ao Centro foi mencionado como questão de segurança e conveniência, uma vez que não há opções de estacionamento na região.

Por último, a partir dos diferentes usos, a questão do idioma e contato com outros foi mencionada principalmente nas regiões residenciais, e especificamente em Pinheiros, reforçando o aspecto de pertencimento a esse bairro, tanto como lugar de residência quanto de lazer. As duas regiões de residência mais mencionadas, Avenida Paulista e Pinheiros, são também regiões que concentram estrangeiros na cidade, e principalmente aqueles que falam inglês e que possuem um nível socioeconômico elevado. Assim, a sensação de pertencimento se dá pela possibilidade de realizar as atividades cotidianas no bairro, as compras, conversar com vizinhos, e encontrar semelhantes nos estabelecimentos locais, fazendo atividades similares, com interesses comuns. Nas entrevistas, alguns dos sujeitos narraram que não é simples para eles aprender português, e a maioria deles falou ter dificuldade em encontrar pessoas que falem inglês ou espanhol na cidade. Assim, eles convivem mais frequentemente com estrangeiros e pessoas de sua nacionalidade.

Conclusão

Analisando os diferentes usos e as principais questões que surgiram nos bairros mencionados e observados, verificamos os dois paradoxos propostos por Holston e Appadurai (1996). No primeiro, a questão da cidadania está inicialmente no acesso econômico permitido a esses sujeitos, por terem possibilidade de pagar por um custo de vida alto em regiões mais caras de São Paulo, assim como no pertencimento a um estilo de vida de alto padrão e a grupos de estrangeiros qualificados, e por fim de reconhecimento da sociedade local do valor de suas contribuições, por aportes econômicos e/ou culturais que trazem à cidade. Já no segundo paradoxo, de pertencimento dos sujeitos aos espaços, há principalmente uma relação de proximidade com os bairros que oferecem mais segurança, conveniência e adequação a determinado estilo de vida, havendo uma concentração das diferentes atividades e dos diferentes usos em regiões específicas da cidade. Assim, olhando para essas questões, os elementos comuns que surgem são a conveniência e o pertencimento.

A conveniência está relacionada nos quatro bairros analisados, sendo associada tanto a uma questão de concentração de opções – como no caso da Avenida Paulista, pelas diferentes possibilidades para trabalho, consumo e lazer –, quanto à diversidade de opções, para consumo (Paulista e Pinheiros), para lazer (Paulista, Pinheiros e Vila Madalena) e especificamente para cultura (Centro). O aspecto de conveniência está relacionado ao acesso a produtos e serviços de alto valor, assim como disponibilidade de tempo e interesse por diferentes tipos de atividades, principalmente destacando as atividades de lazer e culturais. Nesse aspecto, o fato de esses sujeitos morarem próximo a regiões que oferecem essas possibilidades também é um elemento relevante, uma vez que grandes distâncias em São Paulo igualmente significam tempo de deslocamento. Assim, verifica-se a delimitação de espaços na cidade, tanto como forma de oferta para esses sujeitos que podem pagar pelos preços solicitados, quanto como forma de demanda desses sujeitos por elementos que permitam uma gama de atividades ampla e de qualidade. Esses sujeitos possuem o que podemos considerar um alto capital de rede (URRY & ELLIOTT, 2010), que lhes garante a mobilidade e a qualidade de vida em São Paulo.

O outro elemento comum, o pertencimento, está concentrado principalmente nas regiões que oferecem além do lazer o uso residencial, nesse caso a Avenida Paulista (Jardins) e Pinheiros. Esse pertencimento ocorre tanto pela identificação com pares, sujeitos semelhantes, principalmente estrangeiros que possuem o mesmo nível socioeconômico que os entrevistados, quanto pela adequação desses espaços com o estilo de vida desses sujeitos, em relação aos consumos material e cultural ofertados. De certa forma, os sujeitos em mobilidade internacional de classes sociais elevadas vivem em uma São Paulo imaginada, presentes na cidade, mas vivendo uma realidade específica e diferenciada, que não é comum à maioria da população que nela também vive.

Analisando as experiências de sujeitos em mobilidade internacional nos espaços urbanos de São Paulo, verificamos que alguns percebem São Paulo como uma cidade global, mas esses espaços são restritos, considerando a extensão da cidade. Uma vez que há diversos paradoxos nas cidades globais, considerar os caminhos pelos quais a cidadania de diferentes sujeitos seja possível, além das vias econômicas, é uma questão relevante para futuros estudos. Na cartografia realizada, analisamos como São Paulo se divide e é dividida pelos sujeitos que a habitam, com alguns qualificados para acesso, e com alguns espaços específicos para criar uma São Paulo global, uma realidade que acirra ainda mais as desigualdades apontadas por Rolnik et al. (1990), de uma cidade que continua sendo na maioria de sua extensão e para a maioria de sua população um lugar de diversos problemas sociais e estruturais.

Referências Bibliográficas

ACSELRAD, H. *Cartografias sociais e território*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008.

APPADURAI, A. *Dimensões culturais da globalização*. Lisboa: Editorial Teorema, 1996.

_____. Sovereignty without territoriality: notes for a postnational geography. In: YAEGER, P. (ed.). *The geography of identity*. Ann Arbor, Michigan: The University of Michigan Press, p. 40-58, 1995.

AUGÉ, M. *Pour une anthropologie de la mobilité*. Paris: Payot&Rivages, 2009.

BARRETO, G. *Dois séculos de imigração no Brasil: a construção da identidade e do papel dos estrangeiros pela imprensa entre 1808 e 2015*. Tese (Doutorado). UFRJ, 2015.

BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

CALDEIRA, T. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

CALETRÍO, J. "This is not me": conspicuous consumption and the travel aspirations of the european middle class. In: BIRTCHNELL, T.; CALETRÍO, J. (eds.). *Elite mobilities*. Abingdon: Routledge, 2013.

COGO, D.; BADET, M. *Guia das migrações e diversidade cultural para comunicadores-migrantes no Brasil*. Bellaterra: Inst. Comunicación UAB/Inst. Humanitas Unisinos, 2013.

FEATHERSTONE, M. *Consumer culture & postmodernism*. Londres: Sage Publication, 1991.

FINACCORD EXPATRIATE BASE. *Global expatriates: size, segmentation and forecast for the worldwide market*, 2014.

GAWC. The world according to GAWC 2018, 2018. Disponível em: <https://www.lboro.ac.uk/gawc/world2018t.html>.

KHAN, S. The ease of mobility. In: BIRCHNELL, T.; CALETRÍO, J. (eds.). *Elite mobilities*. Abingdon: Routledge, 2013.

HANNERZ, U. *Transnational connections: culture, people, places*. Londres: Routledge, 1996.

HOLSTON, J.; APPADURAI, A. Cities and citizenship. *Public Culture*, v. 8, p.187-204, 1996.

KRÄTKE, S. Global media cities in a worldwide urban network. GaWC Research Bulletin 80. *European Planning Studies*, 11, p. 605-628, 2003.

LIMA, M.; RIEGEL, V. A Hipermobilidade na pós-modernidade – motivações distintas e repercussões semelhantes. In: BARBOSA, L. (org.). *Juventudes e gerações no Brasil contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina, p. 319-368, 2012.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. MTE – Base Estatística. Brasília: MTE, 2012.

OECD. *Education at a glance 2017: OECD indicators*. Paris: OECD, 2017.

ROLNIK, R.; KOWARICK, L.; SOMEKH, N. *São Paulo: crise e mudança*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SALAZAR, N. Representation in postcolonial analysis. In: W. A. DARITY (ed.). *International Encyclopedia of the Social Sciences*. Farmington Hills: Thomson/ Gale, 2007.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia*. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. *Metrópole corporativa fragmentada. O caso de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1990.

Viviane Riegel

SASSEN, S. The global street: making the political. *Globalizations*. v. 8, n. 5, p. 565–571, 2011.

_____. Cities in today's global age. *SAIS Review*, v. 29, n.1, p. 3-34, 2009.

_____. *The global city: New York, London, Tokyo*. Princeton: Princeton University Press, 2001.

UEBEL, R. R. G. Brazilian dream: a inserção estratégica do Brasil na América Latina como fator de atração dos fluxos imigratórios em massa nas primeiras décadas do século XXI. In: *ENABRI 2015*, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2015.

URRY, J. *Mobilities*. Londres: Polity, 2007.

URRY, J.; ELLIOTT, A. *Mobile lives*. Nova York: Routledge, 2010.

VAN BOCHOVE, M.; ENGBERSEN, G. Beyond cosmopolitanism and expat bubbles: challenging dominant representations of knowledge workers and trailing spouses. *Popul. Space Place*, 21, p. 295-309, 2015.

Recebido em: 30/07/2018

Aceito em: 3/12/2018

¹ www.asmallworld.com

² <http://www.zerohedge.com/news/2017-02-27/millionaire-migrants-countries-rich-people-are-flocking>

³ <http://www1.folha.uol.com.br/comida/2014/06/1464361-mapa-reune-17-restaurantes-de-pi-nheiros-na-zona-oeste-de-sao-paulo.shtml>